

ENERGIA

Prio quer entrar no projeto para produzir hidrogénio em Sines

A empresa está interessada em integrar o consórcio para construir a fábrica de hidrogénio em Sines. E, em breve, vai comunicar as suas intenções ao secretário de Estado da Energia.

A Prio quer integrar o consórcio anunciado pelo Governo para instalar uma unidade de produção de hidrogénio em Sines. “Vemos com bons olhos o projeto anunciado pelo secretário de Estado da Energia [João Galamba]”, disse ao Negócios Pedro Morais Leitão, presidente executivo da Prio. Nesse sentido, o responsável garantiu que a “Prio teria interesse em participar no projeto”.

Para garantir que tem espaço neste investimento, que será realizado em parceria com a Holanda e contará com a ajuda de fundos europeus, a Prio tem já agendada uma reunião com o secretário de Estado da Energia para manifestar as suas intenções. “Vamos dizer ao Governo que temos interesse”, acrescentou Pedro Morais Leitão, sem revelar mais detalhes.

O responsável da Prio não tem dúvidas de que o hidrogénio “é uma das áreas da transição energética que pode vir a crescer”, isto apesar de ainda ter muito para percorrer. “Se os carros elétricos ainda têm um longo caminho para fazer, o hidrogénio ainda mais”, comentou. Porém, como explicou, a Prio está sempre a analisar novas oportunidades de negócio e não quer perder o comboio do hidrogénio.

Tal como João Galamba anunciou em novembro, o Governo quer construir uma unidade de produção de hidrogénio verde, alimentada por uma central de energia solar. Esta unidade de 1 gigawatt, o suficiente para abastecer um



Pedro Morais Leitão revelou interesse da Prio no hidrogénio.

milhão de casas, poderia produzir 160 milhões de quilos de hidrogénio, o que daria para abastecer uma frota de autocarros com iões para 800 milhões de quilómetros.

O próximo passo para



Vemos com bons olhos o projeto. [...] O hidrogénio é uma das áreas da transição energética que pode vir a crescer.

PEDRO MORAIS LEITÃO
Presidente executivo da Prio

avancar com este projeto, que implica um investimento de cerca de 600 milhões de euros, é “montar um consórcio industrial de grande escala”, explicou no mês passado João Galamba à TSE.

Entretanto, na semana passada, a EDP anunciou que também quer investir nesta área. A elétrica está a preparar um projeto-piloto, que deverá arrancar no início de 2020, de produção e armazenamento de hidrogénio na Central Termoelétrica do Ribatejo. Este projeto também deverá ser apoiado pela União Europeia e prevê a “produção de hidrogénio a partir de eletrólise numa central de ciclo combinado”, detalhou à Lusa, António Mexia, CEO da EDP. ■

SARA RIBEIRO

BANCA

Caixa espera fechar venda no Brasil até fevereiro

Depois de ter terminado, esta segunda-feira, o prazo para a apresentação de propostas vinculativas pelo banco da Caixa Geral de Depósitos (CGD) no Brasil, o banco estatal quer agora mais esclarecimentos por parte dos potenciais compradores. Só depois irá avaliar todas as ofertas e apresentará melhor ao acionista. Isto num processo que pode ficar fechado nos próximos meses do ano.

“A Caixa recebeu propostas conforme previsto”, começa por afirmar fonte oficial da CGD ao Negócios, sem adiantar quantas chegaram à instituição financeira. Em setembro, o Governo deu a conhecer os três interessados em ficar com Banco Caixa Geral (BCG) Brasil. Na “short list” publicada em Diário da República incluíam-se o Banco Luso-Brasileiro, do grupo Amorim, o Banco ABC Brasil, e também o fundo Artesia.

Inicialmente, o prazo para a entrega de propostas pelo BCG no Brasil terminava a 25 de novembro, mas o Governo decidiu prolongá-lo até esta segunda-feira. O próximo passo é a análise das propostas, mas antes a Caixa precisa de mais dados para tomar esta decisão. “Estamos agora numa fase de obtenção de esclarecimentos adicionais e posterior avaliação das propostas”, refere a mesma fonte do banco ao Negócios, adiantando ainda que “esta fase do processo incluiu a avaliação e decisão da CGD para recomendação e aprovação pelo acionista, o que nos precedeu anteriores demorou até 60 dias”. Ou seja, o banco espera que este processo fique fechado até fevereiro.

No início deste ano, a CGD disse que esperava celebrar o contrato do BCG Brasil ainda em 2019, depois de terem dado início aos contactos com investidores no final de 2018. Mas o processo acabou por sofrer atrasos. O banco está também a vender a operação em Cabo Verde. ■

RIETA ATALAJA

Portugueses interessados

Foram cinco os consórcios interessados no concurso lançado pela Transtejo em janeiro deste ano para a compra de 10 navios movidos a gás natural, mas nenhum conseguiu demonstrar cumprir os requisitos definidos para a pré-qualificação. A empresa de transporte fluvial recebeu candidaturas da Austal Limited; do agrupamento formado pela West Sea - Estaleiros Navais e Empresa de Tráfego e Estiva; do consórcio do Arsenal do Alfeite e Astilleros Gondan; do agrupamento formado pela Damen Shipyard e Gorinchem e SCMA - Sociedade de Consultores Marítimos; e do consórcio da Global Service (Europa), Mecren, MSV Mondego Shipyard e Wight Shipyard Company. Concorrentes que foram sendo excluídos até ficar apenas na corrida o grupo australiano Austal. O secretário de Estado da Mobilidade acredita que para o novo concurso há condições para estas e outras empresas que atuam neste mercado, que considera ser “maduro”, concorrerem.

nologia de propulsão mais limpa, a componente de financiamento do PO SEUR (Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos) poderá ser maior.

Para Eduardo Pinheiro, com a compra destes 10 navios não há necessidade de novas aquisições por parte da Transtejo, que conta ainda receber dois barcos da ANA - Aeroportos de Portugal, no âmbito das medidas de compensação exigidas para a construção do aeroporto do Montijo. ■